

# DOXA

Revista Brasileira de Psicologia da Educação  
Brazilian Journal of Educational Psychology



<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia/GO–Brasil. Doutor em Educação em Ciências (UnB). Professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos (PPGIDH/UFG).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia/GO–Brasil. Pós-doutorado em Direitos Humanos (UFG). Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos (PPGIDH/UFG) e docente regular do Curso de Especialização de Gestão em Segurança Pública (CEGESP) da SSPGO.

<sup>3</sup> Universidade Paulista (Unip), Goiânia/GO–Brasil. Graduada em Psicologia.

<sup>4</sup> Universidade Paulista (Unip), Goiânia/GO–Brasil. Graduada em Psicologia.

<sup>5</sup> Universidade Paulista (Unip), Goiânia/GO–Brasil. Graduada em Psicologia.

<sup>6</sup> Universidade Paulista (Unip), Goiânia/GO–Brasil. Graduando em Psicologia.

<sup>7</sup> Universidade Paulista (Unip), Goiânia/GO–Brasil. Bacharel em Direito (PUC-GO) e Graduada em Psicologia.

<sup>8</sup> Universidade Paulista (Unip), Goiânia/GO–Brasil. Graduada em Psicologia.

<sup>9</sup> Universidade Paulista (Unip), Goiânia/GO–Brasil. Graduada em Psicologia.



## O MAL-ESTAR DOCENTE: PERCEPÇÕES A PARTIR DE UMA ESCOLA DA PERIFERIA DE GOIÂNIA

EL MALESTAR DOCENTE: PERCEPCIONES DESDE UNA ESCUELA DE LA PERIFERIA DE GOIÂNIA

TEACHER MALAISE: PERCEPTIONS FROM A SCHOOL ON THE PERIPHERY OF GOIÂNIA

Sullyvan GARCIA-SILVA <sup>1</sup>

[ull.silva@ufg.br](mailto:ull.silva@ufg.br)



Reycilane Carvalho SILVA <sup>2</sup>

[reycehadud@gmail.com](mailto:reycehadud@gmail.com)



Jordana Silva BORBA <sup>3</sup>

[jordanasilvaborba@gmail.com](mailto:jordanasilvaborba@gmail.com)



Ana Luiza Fornaziere RUSEVY <sup>4</sup>

[diplopsialf@gmail.com](mailto:diplopsialf@gmail.com)



Rayanne Suellen dos Santos FÉLIX <sup>5</sup>

[psi.rayannesuellen@gmail.com](mailto:psi.rayannesuellen@gmail.com)



Wesley Fortunato da COSTA <sup>6</sup>

[wesfortunatocontato@gmail.com](mailto:wesfortunatocontato@gmail.com)



Loa Karen Pereira dos Santos ALMEIDA <sup>7</sup>

[loa.karen@outlook.com](mailto:loa.karen@outlook.com)



Raphaela C. Viana MACHADO <sup>8</sup>

[raphaelavmachado@gmail.com](mailto:raphaelavmachado@gmail.com)



Thais da Silva BORGES <sup>9</sup>

[thayboorg0@gmail.com](mailto:thayboorg0@gmail.com)



### Como referenciar este artigo:

Garcia-Silva, S., Silva, R. C., Borba, J. S., Rusevy, A. L. F., Félix, R. S. S., Costa, W. F., Almeida, L. K. P. S., Machado, R. C. V., & Borges, T. S. (2025). O mal-estar docente: percepções a partir de uma escola da periferia de Goiânia. *Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.*, 26, e025002. 10.30715/doxa.v26i00.19752

Submetido em: 16/12/2024

Revisões requeridas em: 08/01/2025

Aprovado em: 16/02/2025

Publicado em: 01/04/2025

**RESUMO:** O objetivo central deste trabalho foi investigar as percepções dos professores sobre o ambiente de trabalho e seu impacto no bem-estar profissional. A pesquisa combina uma análise quantitativa, que traça o perfil dos participantes por meio de questões objetivas, com uma análise qualitativa baseada em perguntas subjetivas semiestruturadas que exploram fontes de estresse e motivações. O referencial teórico é fundamentado em uma revisão de literatura que classifica os estudos em três abordagens: tradicional, crítica e pós-crítica, proporcionando uma visão abrangente das dinâmicas educacionais contemporâneas. Os resultados revelam que a sobrecarga de trabalho e a falta de apoio institucional são fatores predominantes de estresse, enquanto o suporte entre colegas emerge como um elemento motivador significativo. As implicações desta

---

pesquisa sugerem a urgência de políticas que priorizem a saúde mental e o suporte aos docentes, visando a criação de um ambiente educacional mais equilibrado e produtivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Percepção do ambiente de trabalho. Mal-estar docente. Sobrecarga profissional. Psicologia Escolar.

**RESUMEN:** El objetivo central de este trabajo fue investigar las percepciones de los profesores sobre el ambiente de trabajo y su impacto en el bienestar profesional. La investigación combina un análisis cuantitativo, que traza el perfil de los participantes a través de preguntas objetivas, con un análisis cualitativo basado en preguntas subjetivas semiestructuradas que exploran fuentes de estrés y motivaciones. El marco teórico se fundamenta en una revisión de la literatura que clasifica los estudios en tres enfoques: tradicional, crítico y poscrítico, proporcionando una visión integral de las dinámicas educativas contemporáneas. Los resultados revelan que la sobrecarga de trabajo y la falta de apoyo institucional son factores predominantes de estrés, mientras que el apoyo entre colegas emerge como un elemento motivador significativo. Las implicaciones de esta investigación sugieren la urgencia de políticas que prioricen la salud mental y el apoyo a los docentes, con el objetivo de crear un entorno educativo más equilibrado y productivo.

**PALABRAS CLAVE:** Percepción del ambiente de trabajo. Malestar docente. Sobrecarga profesional. Psicología Escolar.

**ABSTRACT:** The main objective of this study was to investigate teachers' perceptions of the work environment and its impact on professional well-being. The research combines a quantitative analysis, which profiles the participants through objective questions, with a qualitative analysis based on subjective questions that explore sources of stress and motivations. The theoretical framework is based on a literature review that classifies studies into three approaches: traditional, critical, and post-critical, providing a comprehensive view of contemporary educational dynamics. The results reveal that work overload and lack of institutional support are predominant stress factors, while support among colleagues emerges as a significant motivating element. The implications of this research suggest the urgency of policies that prioritize mental health and support for teachers, aiming at creating a more balanced and productive educational environment.

**KEYWORDS:** Perception of the work environment. Teacher discomfort. Professional overload. School Psychology.

Artigo submetido ao sistema de similaridade



---

**Editor:** Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

## INTRODUÇÃO

O mal-estar docente vem sendo pesquisado no Brasil há várias décadas, abordando temáticas relacionadas a aspectos psicológicos, físicos, sociais e acadêmicos, principalmente nas áreas de psicologia e educação. Durante as décadas de 1980 e 1990, os estudos na área educacional apontavam que os principais desafios e dificuldades da Educação estavam centrados nos alunos, uma vez que o foco do processo educativo era direcionado a eles. No entanto, tornou-se evidente a necessidade de considerar o papel do professor e aprofundar as investigações sobre as questões que o afetam (Kasper & Rinaldi, 2017).

A partir disso, pesquisas sobre a prática docente ganharam destaque, especialmente na Europa, onde começaram a surgir discussões sobre – as diversas adversidades enfrentadas pelos professores, refletindo um declínio na atratividade da profissão. Com isso, a figura do professor e suas práticas pedagógicas passaram a receber maior atenção dos pesquisadores (André, 2010; Cunha, 2013; Diniz-Pereira, 2013; Rinaldi, 2016). Debates sobre a insatisfação docente, condições de trabalho, carga horária e remuneração tornaram-se mais frequentes. No entanto, foi somente na década de 1990 que esses debates se intensificaram, trazendo à tona fatores que contribuíram para o crescente desânimo em relação à profissão de professor.

Vários exemplos de trabalhos podem ser percebidos na discussão do tema, assim destacam-se os trabalhos desenvolvidos por Barasuol (2004), que investigou o Burnout docente no contexto da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, e Bock (2004), que analisou a Síndrome de Burnout no trabalho em educação especial a partir das percepções dos educadores. Além disso, Prioste (2006) abordou a diversidade e as adversidades no ambiente educacional, enquanto Bonfim (2008) discutiu a escuta na escola inclusiva e suas implicações para o mal-estar docente. Por sua vez, Levy (2011) desenvolveu um programa de enfrentamento da Síndrome de Burnout e avaliou seus efeitos em professores atuantes no processo de inclusão, enquanto Lázaro (2013) investigou a relação entre trabalho docente e saúde autopercebida das professoras dos centros de ensino de educação especial no Maranhão. Mercado (2016) também contribuiu com essa discussão ao estudar as identidades dos professores de educação especial no contexto de Maceió, Alagoas.

Este trabalho se baseia na seguinte pergunta de pesquisa: como os professores de uma escola situada em uma periferia de Goiânia percebem seu ambiente de trabalho e quais os impactos dessa percepção em seu mal-estar? Para tentar responder a essa questão de pesquisa, buscou-se, como objetivo geral, analisar como os docentes percebem seu ambiente laboral e os efeitos dessa percepção em seu mal-estar.

Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos alguns objetivos específicos que buscavam compreender a complexidade desse fenômeno. Em primeiro lugar, foi realizada uma revisão da literatura, que forneceu os elementos teóricos necessários para a construção do

tema. Além disso, o estudo buscou identificar os principais fatores que eles consideraram ao avaliar seu ambiente de trabalho, bem como avaliar a relação entre a percepção do ambiente de trabalho e os níveis de estresse e satisfação profissional dos professores. A análise dessas variáveis permitiu explorar como as condições do ambiente escolar influenciaram o desempenho profissional dos educadores, contribuindo assim para um entendimento mais aprofundado das interações que ocorreram nesse contexto.

Neste sentido, foram formuladas cinco hipóteses que orientam a investigação. Essas hipóteses foram construídas a partir da leitura dos artigos escolhidos para comporem o arcabouço teórico deste estudo. A primeira hipótese (H1) sugere que uma percepção negativa do ambiente de trabalho está associada a níveis mais elevados de estresse e menor satisfação profissional (Ferreira et al., 2014; Rezende et al., 2021). A segunda hipótese (H2) postula que melhorias nas condições de infraestrutura e no suporte institucional podem levar a uma percepção mais favorável das condições de trabalho (Cavalcante, 2023; Sguíssardi, 2015).

A terceira hipótese (H3) aponta que professores em periferias urbanas enfrentam maior violência escolar, o que aumenta a percepção de insegurança e o estresse (Damascena & Vale, 2020; Derisso & Duarte, 2017). A quarta hipótese (H4) destaca que professores negros experimentam mais estresse e insatisfação devido à discriminação racial e de gênero (Rinaldi, 2016; Silva, 2024). Por fim, a quinta hipótese (H5) sugere que professores de classes populares percebem com maior intensidade as dificuldades nas escolas de baixo prestígio socioeconômico, o que contribui para níveis elevados de estresse e insatisfação (Alvarado-Prada, 2010; Prioste, 2006).

Esses objetivos e hipóteses buscam não apenas mapear a realidade vivida pelos docentes, mas também oferecer subsídios para a formulação de políticas educacionais que promovam um ambiente de trabalho mais saudável e produtivo.

A justificativa para este trabalho se fundamenta na crescente incidência do mal-estar docente, um fenômeno alarmante que impacta não apenas a saúde mental, física e social dos professores, mas também a qualidade da educação nas escolas. Os sintomas relacionados, como estresse, exaustão emocional, desmotivação e problemas de saúde, evidenciam a necessidade urgente de compreender as causas subjacentes a esse quadro. Isso se torna ainda mais relevante em um contexto no qual os educadores lidam com longas jornadas de trabalho, responsabilidades excessivas e uma considerável falta de apoio institucional. A sobrecarga emocional e a pressão para atender às metas pedagógicas, aliadas a condições de trabalho desfavoráveis, têm gerado transtornos graves, como a síndrome de Burnout, que não apenas afetam a saúde dos docentes, mas também comprometem o ambiente escolar como um todo (Barasuol, 2004; Bock, 2004; Levy, 2011; Prioste, 2006).

Além disso, a escassez de pesquisas que aprofundem a análise do mal-estar docente e suas implicações torna essa investigação ainda mais necessária. Ao explorar a relação entre as

condições de trabalho e a saúde dos professores, este estudo visa não apenas oferecer uma compreensão mais aprofundada do problema, mas também subsidiar a formulação de políticas educacionais mais eficazes. Tais políticas são essenciais para promover a valorização do profissional da educação e garantir o bem-estar dos docentes, elementos fundamentais para a construção de uma educação de qualidade. Portanto, a realização desta pesquisa justifica-se pela necessidade urgente de abordar e mitigar os fatores que contribuem para o mal-estar docente, assegurando, assim, um ambiente escolar mais saudável e propício ao aprendizado.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa foi executada em duas etapas distintas. Inicialmente, realizou-se a busca de artigos em língua portuguesa utilizando a Plataforma SciELO, escolhida como indexador por sua ampla cobertura no Brasil e pela possibilidade de acessar publicações de diversos países e continentes. Utilizou-se a palavra-chave “mal-estar docente” (sem aspas) na busca, sem impor restrições de tempo, abrangendo todo o período disponível na base de dados. Com essa estratégia, foram identificados 20 artigos, os quais passaram por uma triagem manual baseada nos critérios de relevância para o tema. Após a seleção, 16 artigos foram considerados adequados para revisão. Para a análise dos artigos, buscou-se a leitura sistematizada de seus conteúdos e, por meio da Análise Textual Discursiva (Moraes & Galiuzzi, 2006), procurou-se realizar a classificação pretendida.

Em um segundo momento, optou-se por uma pesquisa empírica que será detalhada nos tópicos a seguir.

## Sujeitos

A pesquisa foi realizada com 10 professores do Colégio Alfa, localizado em uma região de periferia<sup>10</sup> da cidade de Goiânia/GO, abrangendo diferentes níveis de ensino (do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental). A amostra foi selecionada de forma aleatória para garantir a representatividade.

## Instrumentos e Condução das Entrevistas

As entrevistas foram realizadas presencialmente e de forma sigilosa. Esse instrumento *foi* a principal ferramenta para a coleta dos dados empíricos no trabalho de campo. Essa

<sup>10</sup> Conforme discutido por Garcia-Silva, Lima Junior e Haydée Caruso (2022), os autores reconhecem que a categoria “periferia” envolve um debate teórico e político complexo, o qual, por motivos de foco do estudo, não será aprofundado no texto. Ainda assim, a complexidade do termo é mantida para discutir possíveis relações entre o mal-estar docente e a geografia da cidade, abordando: a) o grau de afastamento das áreas em relação ao centro urbano; e b) as dimensões sociais e simbólicas das populações desses territórios, frequentemente vistas como economicamente, politicamente e socialmente desfavorecidas.

metodologia permitiu obter informações sobre as percepções e vivências dos educadores no ambiente de trabalho de forma individual. Cada entrevista teve uma duração média de 10 a 15 minutos.

### ***Procedimentos para Coleta de Dados***

Como roteiro de pesquisa, foram formuladas 22 questões para a coleta de dados (16 objetivas e 6 subjetivas), direcionadas à investigação dos principais fatores que influenciam o mal-estar dos docentes no ambiente escolar. As questões foram elaboradas com base na revisão bibliográfica, buscando captar a percepção dos participantes sobre suas condições de trabalho, saúde física e emocional, bem como aspectos relacionados a gênero, raça/cor e suporte institucional.

### ***Procedimentos para Análise de Dados***

Para a análise, utilizamos duas abordagens: quantitativa e qualitativa. A abordagem quantitativa foi aplicada a questões de múltipla escolha e de respostas objetivas, com o objetivo de apresentar uma visão estatística dos perfis e respostas dos participantes, facilitando a identificação de tendências e padrões.

Já a análise qualitativa das entrevistas foi conduzida por meio de perguntas semiestruturadas, utilizando técnicas de codificação, categorização e identificação de temas principais, com base na Análise Textual Discursiva (Moraes & Galiazzi, 2006).

### ***Revisão de Literatura: a Leitura do Mal-Estar Docente em Periódicos Brasileiros***

Os temas identificados a partir dos resultados da pesquisa estão apresentados no Quadro 1. Observa-se que 7 artigos abordam a teoria tradicional, 2 artigos tratam da educação crítica e 7 artigos se referem à teoria pós-crítica. Esse volume de artigos sugere que há uma predominância de preocupações com questões de gênero, cor e identidade, em detrimento das relações de classe e dos imperativos de justiça social. A análise dos artigos revela, ainda, que a teoria tradicional é um tema frequentemente investigado pelos pesquisadores.

**Quadro 1:** Categorias de análise

AUTORES	TEORIA TRADICIONAL	TEORIA CRÍTICA	PÓS-CRÍTICAS
Barasuol (2004), Bock (2004), Rezende et al. (2021), Levy (2011), Bonfim (2008), Prioste (2006), Pereira (2011)	Investigam sintomas do mal-estar docente como Burnout, estresse, esgotamento e suas implicações na saúde dos professores e na qualidade do ensino.	-	-
Cunha et al. (2024), Camargo e Dworak (2019)	-	Focam-se nas questões de trabalho, sistema de classes, condições precarizadas do trabalho docente e suas implicações na saúde e satisfação dos professores.	-
Traldi et al. (2024), Brito et al. (2014), Pereira (2016), Mercado (2016), Morandini e Gomide Júnior (2022), Abreu et al. (2023) Silva (2024).	-	-	Exploraram a identidade, a diferença, a subjetividade, as questões de poder, o gênero, a raça/cor, o reconhecimento e suas implicações nas carreiras docentes.

Fonte: elaboração própria (2024).

Contudo é necessário fazer uma ressalva. A distinção entre as três categorias apontadas por Silva (1999) (tradicional, crítica e pós-crítica) é limitada e simplificadora, pois agrupa perspectivas diversas que nem sempre se reconhecem como semelhantes. A ideia de sucessão dessas abordagens pode criar a ilusão de um progresso linear, desconsiderando questões importantes, como as de classe, que permanecem influentes mesmo quando invisíveis.

E, sem pretender esgotar as discussões sobre classificações teóricas, os autores deste texto reconhecem que as fronteiras entre diferentes abordagens são frequentemente frágeis, especialmente quando se tenta enquadrar contribuições significativas da Psicologia, Educação e Ciências Sociais em categorias restritas. Essa complexidade evidencia que o campo teórico é, muitas vezes, um espaço de disputa e falta de consensos. Neste trabalho, busca-se ir além da pesquisa empírica, oferecendo uma contribuição teórica que dialoga com essas tensões e amplia o entendimento sobre o tema, reconhecendo a pluralidade de perspectivas e a necessidade de uma abordagem mais flexível e integradora.

Nesse sentido, para organizar essa diversidade de abordagens, propomos uma classificação dos artigos em três categorias meta-teóricas a partir da teoria do currículo de Silva (2009), a saber: (a) Sintomas do mal-estar docente e a Teoria Tradicional, (b) Trabalho e Teoria Crítica e (c) Subjetividade e a Pós-Crítica.

### **Sintomas do Mal-Estar Docente e a Teoria Tradicional**

A Teoria Tradicional em Educação enfatiza a eficiência no ensino e na aprendizagem, utilizando inovações técnicas para otimizar processos educacionais e minimizar custos (Gar-

cia-Silva & Lima Junior, 2020). No entanto essa abordagem não aborda as desigualdades sociais, tratando o currículo como neutro e ocultando os interesses políticos subjacentes. Autores influentes dessa tradição, como Bobbitt e Tyler, defendem uma educação que atende à demanda da sociedade industrial, perpetuando-se na pesquisa em educação científica de forma irrefletida. Assim, para a classificação pretendida, entende-se que os trabalhos que evocam apenas os sintomas do mal-estar docente, sem necessariamente observar suas causas, estariam dentro desse espectro analítico.

Nesse contexto, o mal-estar docente é analisado principalmente por meio dos sintomas, como estresse, insatisfação e esgotamento, que afetam tanto a saúde mental e física dos professores quanto a qualidade do ensino. Rezende et al. (2021) destacam que o mal-estar docente é uma problemática multifacetada que inclui aspectos psicológicos, físicos, sociais e acadêmicos. Barasuol (2004), por exemplo, investigou o Burnout docente no contexto da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, revelando que a pressão adicional de adaptar as práticas pedagógicas para atender a esses alunos pode agravar o esgotamento dos professores. Da mesma forma, Bock (2004) analisou a Síndrome de Burnout no trabalho em educação especial, destacando como as percepções dos educadores sobre suas condições de trabalho influenciam seu bem-estar.

Outros estudos também contribuem para essa discussão: Prioste (2006) abordou a diversidade e as adversidades no ambiente educacional, enquanto Bonfim (2008) discutiu a escuta na escola inclusiva e suas implicações para o mal-estar docente. Levy (2011) desenvolveu um programa de enfrentamento da Síndrome de Burnout e avaliou seus efeitos em professores atuantes no processo de inclusão, ressaltando a importância de intervenções que ofereçam suporte emocional e estratégico aos docentes. Já Pereira (2016) oferece uma análise sob uma perspectiva psicanalítica, abordando as dificuldades enfrentadas pelos professores no exercício de sua profissão. O autor propõe que o mal-estar docente está intimamente ligado à falta de reconhecimento e ao impacto das condições de trabalho sobre a subjetividade dos educadores.

### ***Trabalho e Teoria Crítica***

A teoria crítica, desenvolvida a partir da década de 1970 e influenciada pela Escola de Frankfurt e por autores como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Erich Fromm e Jürgen Habermas, analisa como o ambiente de trabalho e as dinâmicas institucionais afetam a saúde e a satisfação dos professores. Essa perspectiva crítica surgiu na educação em um contexto de crise das economias capitalistas liberais, marcado pelo aumento das desigualdades sociais e da pobreza. Pensadores como Paulo Freire, Pierre Bourdieu e Michael Apple se destacam ao denunciar o papel da escola na reprodução de desigualdades e injustiças sociais (Garcia-Silva & Lima Junior, 2020).



Cunha et al. (2024), por exemplo, em seu estudo *Vivências, Condições de Trabalho e Processo Saúde-Doença: Retratos da Realidade Docente*, analisam as condições de trabalho dos professores da educação básica pública no Brasil, destacando os impactos das reformas educacionais dos anos 1990, que foram influenciadas por políticas neoliberais. Essas reformas resultaram na precarização do trabalho docente, caracterizada por jornadas exaustivas, falta de recursos e desvalorização da profissão.

Os relatos dos professores indicam que as exigências do trabalho têm gerado sérios problemas de saúde, como doenças físicas e mentais, além de afetar negativamente suas vidas pessoais e familiares. Muitos docentes enfrentam dificuldades para conciliar suas obrigações profissionais com o autocuidado e o tempo de lazer, levando a um ciclo de adoecimento e insatisfação (Cunha et al., 2024). Ademais, a pesquisa destaca a responsabilidade que recai sobre os professores em relação à compra de materiais e alimentos para os alunos, evidenciando a falta de apoio do Estado. Por fim, o estudo sugere a necessidade de uma reavaliação das políticas educacionais e a implementação de medidas que promovam melhores condições de trabalho e valorização da carreira docente, visando à saúde e ao bem-estar dos professores.

Silva (2024) enfatiza que a inclusão de alunos com diferentes tipos de deficiência e necessidades específicas demanda um planejamento personalizado, que muitas vezes ultrapassa a formação inicial dos docentes. Sem apoio técnico, recursos adequados e estratégias inclusivas bem definidas, os professores podem se sentir isolados e sobrecarregados, o que agrava o mal-estar e impacta negativamente o ambiente escolar. Ainda sobre o ambiente escolar, Camargo e Dworak (2019) ressaltam a importância de espaços de trabalho que não apenas minimizem os fatores de estresse, mas também favoreçam um ambiente propício ao ensino e à aprendizagem. Segundo os autores, a infraestrutura inadequada e a falta de suporte institucional são fatores que contribuem para o aumento do mal-estar entre os docentes, impactando negativamente sua motivação, desempenho e estado psicológico. Pereira (2011) complementa essa discussão, destacando como as condições de trabalho e o ambiente social afetam diretamente a percepção dos professores sobre seu local de trabalho.

### **Subjetividade e a Pós-Crítica**

A Teoria Pós-Crítica abrange uma diversidade de perspectivas que, embora se oponham à educação tradicional, também criticam a abordagem crítica por suas generalizações. Influenciada por pensadores como Foucault, Butler e Derrida, a Educação Pós-Crítica foca em identidade, subjetividade e poder, que não estão centralizados no Estado ou na classe social, mas dispersos na sociedade. Essa abordagem vai além das questões econômicas e de justiça, reconhecendo o poder como uma rede complexa de relações. Questões de gênero e raça/cor são especialmente importantes (Garcia-Silva & Lima Junior, 2020).

Nesse sentido, Brito et al. (2014), em Saúde, gênero e reconhecimento no trabalho das professoras: convergências e diferenças no Brasil e na França, exploram a relação entre saúde e trabalho, destacando a importância do reconhecimento e dos processos de trabalho coletivos na promoção da saúde dos professores. O estudo apresenta uma revisão bibliográfica que destaca os desafios enfrentados pelos docentes no Brasil, na França e internacionalmente, com foco na desvalorização da profissão, violência no ambiente escolar e estresse.

Traldi et al. (2024) aprofundam a discussão sobre a interseção de gênero e raça/cor, abordando o impacto do racismo e das desigualdades de gênero na carreira dos docentes negros. A pesquisa revela que o ambiente acadêmico é racialmente estratificado, caracterizado por hierarquias raciais e de gênero, o que tem sérias implicações para a carreira e o mal-estar dos docentes negros. Esses profissionais enfrentam múltiplos desafios, como o duplo viés de discriminação racial e de gênero, especialmente as docentes mulheres negras. Durante a pandemia, por exemplo, as docentes mulheres com filhos pequenos foram as mais afetadas, com uma diminuição significativa na produção acadêmica e na submissão de artigos, evidenciando desigualdades no ambiente acadêmico.

Abreu et al. (2023) investigam a relação entre a internacionalização das políticas públicas educacionais e o mal-estar vivido pelos professores do ensino básico no Brasil. Além disso, Pereira (2016) sugere que uma abordagem mais subjetiva e individualizada é essencial para compreender e intervir na realidade dos professores, indo além das generalizações quantitativas. Por fim, Morandini e Gomide Júnior (2022) ressaltam que a análise do mal-estar docente pode oferecer contribuições significativas para a melhoria das práticas educacionais e das políticas institucionais, ajudando na criação de ambientes de trabalho mais saudáveis e produtivos.

## **Análise de Dados**

Neste espaço, esboçaremos as percepções dos professores encontradas na pesquisa de campo em seus dois âmbitos de investigação, como observado separadamente abaixo.

## **Análise Quantitativa**

De forma geral, os dados oriundos das questões objetivas foram agrupados, permitindo um maior entendimento do perfil dos participantes. Embora o tamanho da amostra limite a significância estatística, os resultados obtidos estão alinhados com aqueles relatados anteriormente na literatura descritiva do objeto.

Nesse sentido, a maior parte dos educadores está na faixa etária de 20 a 30 anos (60%), evidenciando um grupo relativamente jovem e possivelmente em início de carreira. O estado civil revela que 80% dos participantes são casados, o que pode influenciar sua perspectiva

sobre o trabalho e a vida familiar. Com relação à paternidade e maternidade, 70% dos educadores têm filhos; desses, três respondentes disseram possuir dois filhos. Essa condição pode influenciar suas rotinas e a maneira como gerenciam as demandas profissionais, conforme discutido por Francklin (2018), que aponta que a vida familiar e o ambiente de trabalho precisam ser considerados nas políticas de gestão.

No que diz respeito à formação e experiência profissional, todos os participantes possuem Ensino Superior, e 50% deles têm especialização, o que indica um comprometimento com a qualificação profissional, como sugerido por Alvarado-Prada (2010) e Araújo (2024) ao destacarem a importância da formação continuada na superação das dificuldades educacionais. A maioria dos participantes atua na instituição há um período de 1 a 3 anos, e 20% possuem mais de 10 anos de experiência, proporcionando uma combinação de profissionais novos e veteranos no ambiente escolar. A área de formação predominante é Pedagogia (50%), seguida por Letras e Psicologia, refletindo a diversidade nas especializações que compõem a equipe docente. A variação significativa no tempo desde a formação, que vai de menos de um ano a até 17 anos, ressalta a riqueza de experiências que esses educadores trazem para a instituição, influenciando tanto sua prática pedagógica quanto sua interação com os alunos e a comunidade escolar.

Considerando o recorte de gênero, raça e classe social, apenas um homem participou do questionário, enquanto nove entrevistados eram mulheres. Seis participantes se autodeclararam brancos, e quatro, pardos. Em relação à classe social e sob a perspectiva de suas próprias percepções, cinco participantes se identificaram como pertencentes à “classe média”, enquanto os demais pertencem às classes populares, conforme definição de Bourdieu (1979). Esse cenário dialoga com as análises de Sguissardi (2015) e Derisso e Duarte (2017), que destacam os impactos das desigualdades sociais nas experiências educacionais e na percepção do papel do professor.

As respostas à pergunta sobre a percepção da localização da escola (se na periferia ou em uma região nobre) e seu impacto no ambiente escolar e no mal-estar docente mostraram visões distintas entre os participantes. A maioria considera que a localização tem uma influência significativa, com seis entrevistados afirmando que ela “frequentemente influencia” ou “sempre influencia” o ambiente escolar. Isso ressalta que o contexto socioeconômico e territorial pode afetar tanto a dinâmica escolar quanto as condições de trabalho dos professores, como observado por Damascena e Vale (2020), que enfatizam os desafios estruturais enfrentados em escolas de regiões periféricas.

Por outro lado, dois entrevistados compartilharam que a localização “raramente influencia”, e um afirmou que “nunca influencia”, indicando que, para eles, fatores internos, como gestão e políticas pedagógicas, são mais relevantes. Aqueles que mencionaram que a localização “às vezes influencia”, “sempre influencia” e “frequentemente influencia” confirmam

que o contexto territorial é importante, mas não determinante. No geral, a predominância de respostas que apontam para uma influência frequente sugere uma crítica à realidade das escolas em áreas periféricas, que enfrentam desafios adicionais, como falta de infraestrutura e vulnerabilidade social, impactando a motivação dos professores e seu bem-estar. Essas constatações convergem com a crítica ao neoliberalismo discutida por Derisso e Duarte (2017), que apontam como as políticas econômicas têm intensificado a desigualdade educacional, e os contextos de vulnerabilidade social são um reflexo dessas políticas.

Acerca das respostas sobre o uso de medicamentos, a pesquisa revela uma diversidade de práticas entre os participantes. Enquanto quatro afirmaram nunca ter utilizado medicamentos, três mencionam que fazem uso “às vezes”, e outros três indicam que o uso é “frequentemente” parte de suas rotinas. Essa variação sugere que a relação com a saúde e o bem-estar é complexa e pode estar ligada a diferentes fatores, como níveis de estresse, condições de trabalho e a percepção individual sobre a necessidade de tratamento, conforme analisado por Cavalcante (2023) e Ferreira et al. (2024), que destacam a relação entre bem-estar e suporte institucional no contexto educacional. O fato de uma parte significativa dos entrevistados relatar o uso frequente de medicamentos pode indicar a presença de desafios emocionais ou físicos associados à atividade docente, destacando a importância de políticas de apoio à saúde mental e ao bem-estar dos educadores.

## **Análise Qualitativa**

### **Principais Fontes de Estresse no Trabalho dos Educadores**

As respostas dos educadores apontam uma variedade de fatores que contribuem significativamente para o estresse no ambiente escolar. Um dos elementos mais recorrentes mencionados é a carga de trabalho excessiva, que se traduz na pressão para cumprir prazos específicos para a entrega de planejamentos e avaliações, aliada à necessidade de levar uma grande quantidade de tarefas para casa (Entrevistado(a) n.º 4).

A realidade de sobrecarga docente é discutida por Francklin (2018) e Ferreira et al. (2014), que abordam a necessidade de compensar a estrutura educacional fragilizada. Essa realidade é intensificada pela presença de salas superlotadas, onde a dificuldade em atender às necessidades individuais de cada aluno é um desafio constante. A falta de comprometimento dos alunos e o desinteresse geral pela aprendizagem acentuam essa pressão, gerando um ciclo de frustração que impacta diretamente a motivação e a qualidade do ensino, especialmente por perceberem que seu trabalho não conduz a relevantes mudanças sociais a partir da educação.

## ***Impacto do Ambiente de Trabalho na Motivação e Satisfação Profissional dos Educadores***

As respostas dos educadores evidenciaram um panorama duplo em relação ao impacto do ambiente de trabalho em sua motivação e satisfação profissional. Professores que enfrentam constantes pressões e desafios, como a falta de apoio institucional ou a sobrecarga de trabalho, relatam uma perda gradual da paixão, conforme analisado por Ferreira et al. (2014), que discutem a precarização do trabalho docente e suas implicações.

Entretanto, experiências positivas no ambiente escolar, como as relatadas por muitos educadores e caracterizadas por amizade e suporte da gestão, são vistas como elementos que podem mitigar os efeitos do desgaste profissional e contribuir para um ambiente colaborativo e motivador (Entrevistados(as) n.º 2, 3, 4 e 5).

## ***Melhorias na Administração Escolar para Promover um Ambiente de Trabalho Saudável para os Professores***

Conforme indicado pelos professores, uma necessidade recorrente nas respostas é a busca por um suporte adicional, especialmente no que diz respeito à flexibilização dos prazos para a realização e entrega das demandas pedagógicas (Entrevistados(as) n.º 1 e 2). Muitos educadores expressaram frustração em relação à dificuldade dos prazos, que muitas vezes não levam em consideração a carga de trabalho acumulada e a complexidade das atividades envolvidas. Tal perspectiva está alinhada à análise de Sguissardi (2015), Cavalcante (2023) e Ferreira et al. (2014), que reforçam a necessidade de um suporte institucional adequado e de práticas de gestão que respeitem a complexidade do trabalho docente.

## ***Estratégias de Lidar com o Estresse e Dificuldades no Trabalho Docente***

As respostas dos educadores à pergunta sobre como lidam com o estresse e as dificuldades associadas ao seu trabalho revelam uma diversidade de estratégias e abordagens que buscam amenizar o impacto emocional das demandas docentes (Entrevistados(as) n.º 2 e 3). A prática de atividades físicas e o desenvolvimento de uma vida social ativa, mencionados por alguns entrevistados, são exemplos de autocuidado que podem ser incentivados por políticas educacionais, conforme sugerido por Cavalcante (2023) e Araújo (2024), que destacam a relevância do bem-estar emocional dos educadores para uma prática pedagógica eficaz.

## ***A influência de Gênero, Raça e Classe Social no Ambiente de Trabalho dos Educadores***

As respostas dos educadores à pergunta sobre a influência de gênero, raça ou classe social em suas experiências no ambiente de trabalho refletem um espectro diversificado de

percepções e implicações. Enquanto a maioria dos entrevistados não percebe influência direta desses fatores, a análise de Sguissardi (2015) e Derisso e Duarte (2017) sugere que as desigualdades sociais e as condições de trabalho têm um impacto significativo sobre as experiências docentes, mesmo que nem sempre sejam reconhecidas diretamente pelos profissionais.

Além disso, algumas respostas expressam frustração com a falta de apoio institucional, mencionando que aqueles que deveriam se preocupar com o bem-estar dos educadores não demonstram o devido interesse. Essa “desconexão entre teoria e prática” (Entrevistado(a) n.º 10) evidencia que, mesmo quando os educadores não identificam de forma explícita a influência de gênero, raça ou classe social, o ambiente de trabalho ainda sofre com a ausência de políticas que levem essas especificidades em consideração. Essa lacuna agrava os desafios enfrentados por mulheres, pessoas negras e de classes populares, que já lidam com discriminações estruturais, aprofundando as desigualdades e contribuindo para um cenário de maior precarização nas suas condições de trabalho.

Portanto, ainda que os educadores tentem manter uma postura de autonomia e força diante das adversidades, a falta de reconhecimento e apoio institucional pode levar a um mal-estar que transcende questões individuais, exigindo uma reflexão crítica sobre as práticas de gestão e a construção de um ambiente escolar que realmente valorize e considere como necessidades dos educadores.

Em suma, os resultados apresentados nesta análise qualitativa estão em consonância com a literatura, como evidenciado pelo estudo de Francklin (2018), que discute o choque de gestão e a necessidade de compensar a estrutura educacional, especialmente em face da precarização docente, enfatizada por autores como Damascena e Vale (2020) e Ferreira et al. (2014). Essa precarização revela a carência de apoio e recursos, afetando diretamente a qualidade da educação, o que ressalta a importância da formação continuada, conforme proposto por Alvarado-Prada (2010) e Araújo (2024). Neste sentido, a crítica ao neoliberalismo, abordada por Derisso e Duarte (2017) e Sguissardi (2015), questiona políticas que mercantilizam a educação, exacerbando os desafios enfrentados pelos educadores. Por último, as considerações acerca das necessidades docentes discutidas por Cavalcante (2023) e Ferreira et al. (2014) evidenciaram uma demanda urgente por suporte institucional e desenvolvimento profissional, configurando um cenário que clama por reformas profundas. A seguir, discutiremos as implicações destes resultados.

## **Implicações**

As implicações para a educação, a partir dos dados encontrados, são diversas e abrangem aspectos tanto da gestão escolar quanto do suporte aos educadores, afetando diretamente a qualidade do ensino. O ambiente de trabalho dos educadores reflete as contradições

de um sistema educacional que prioriza metas e resultados em detrimento das condições de trabalho dos professores.

Condições precárias de trabalho, como falta de recursos, sobrecarga de atividades e ausência de suporte institucional, podem aumentar os níveis de estresse e reduzir a satisfação profissional dos docentes, comprometendo sua motivação e desempenho (Barasuol, 2004; Prioste, 2006). Além disso, dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar, como infraestrutura inadequada e desafios socioeconômicos dos alunos, limitam a capacidade dos professores de planejar e implementar práticas pedagógicas eficazes, impactando negativamente a qualidade do ensino (Bock, 2004; Levy, 2011).

Além disso, a relação entre as condições de trabalho e a qualidade do ensino se revela na capacidade dos professores de atender às demandas pedagógicas e criar um ambiente de aprendizagem eficaz. Pois, quando submetidos a condições adversas, como infraestrutura insuficiente, excesso de responsabilidades e falta de suporte institucional, os docentes enfrentam dificuldades em adaptar suas práticas às necessidades dos estudantes, o que compromete tanto o engajamento quanto os resultados educacionais (Bock, 2004; Prioste, 2006).

Além do mais, a sobrecarga de trabalho e a falta de apoio institucional demonstram que a realidade dos educadores está marcada por uma estrutura que trata os docentes como peças de um sistema, sem considerar suas necessidades emocionais e profissionais. Essa situação contribui para a alienação dos professores, que muitas vezes se veem desmotivados e desconectados do processo educativo, sendo pressionados a atender demandas sem que haja uma preocupação genuína com seu bem-estar (Francklin, 2018; Silva, 2019). A intensificação da precarização do trabalho docente, descrita pela insegurança salarial e pela falta de suporte institucional, agrava essa situação, levando a um ciclo de desmotivação e insatisfação (Castro Castro Neta et al., 2020; Silva, 2019).

Em complemento, os relatos sobre a ausência de suporte familiar no processo de ensino e a falta de infraestrutura nas escolas evidenciam uma responsabilização individual dos educadores por questões que são, na verdade, de natureza estrutural. A falta de envolvimento da família, por exemplo, não deveria ser apenas um problema dos professores, mas sim uma questão social que reflete desigualdades mais amplas (Alvarado-Prada et al., 2010; Miranda et al., 2018).

No entanto, no contexto escolar, essa responsabilidade recai sobre os educadores, aumentando ainda mais a pressão sobre eles. A precarização do trabalho docente, caracterizada pela insegurança salarial e falta de suporte institucional, agrava essa situação, levando a um ciclo de desmotivação e insatisfação (Francklin, 2018; Silva, 2019).

Em resumo, o cenário descrito revela uma dinâmica em que as necessidades humanas dos educadores são muitas vezes desconsideradas em favor da manutenção de uma estrutura produtivista, que vê a educação mais como um mecanismo de formação de mão de obra do

que como um processo genuíno de transformação social. Esta abordagem crítica evidencia que as mudanças possíveis para melhorar a qualidade da educação devem incluir uma reflexão sobre as condições de trabalho dos educadores e sobre o papel da escola na sociedade (Derisso & Duarte, 2017; Castro Neta et al., 2020). A formação contínua e o suporte institucional são fundamentais para que os educadores possam se sentir valorizados e engajados, contribuindo assim para um ambiente educacional mais saudável e produtivo (Alvarado-Prada et al., 2010; Cavalcante, 2023; Miranda et al., 2018).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo teve como objetivo investigar as percepções dos professores sobre o ambiente de trabalho e como essas percepções podem impactar seu bem-estar. Ao longo da pesquisa, foram explorados os desafios enfrentados pelos docentes, incluindo a precarização das condições de trabalho, a sobrecarga de atividades e a pressão para atender a demandas cada vez mais complexas, como a necessidade de formação continuada.

Os dados coletados e analisados revelaram que os professores muitas vezes se sentem desvalorizados, enfrentando falta de recursos e apoio institucional. Esses fatores contribuem para um ambiente de trabalho desfavorável, que pode levar ao mal-estar profissional. O estudo também destacou que a pressão por resultados e a falta de autonomia nas práticas pedagógicas são elementos que impactam negativamente a experiência dos docentes, dificultando a realização de um trabalho de qualidade.

Ao final do trabalho, observou-se que apenas a hipótese H4, que versa sobre os professores e professoras, especialmente negros, experimentarem níveis mais elevados de estresse e insatisfação profissional devido a um ambiente de trabalho marcado por discriminação racial e de gênero, falta de reconhecimento e condições de trabalho desiguais em comparação com seus pares — não foi suficientemente corroborada pelos dados. A maioria das respostas indicou que os professores não atribuíram os níveis de estresse e insatisfação profissional à discriminação racial e de gênero, à falta de reconhecimento, ou às condições de trabalho desiguais. Muitos dos respondentes afirmam que tais situações não interferem em sua percepção do trabalho, destacando outros fatores como a necessidade financeira ou a própria postura profissional diante das dificuldades.

O contexto educacional contemporâneo, caracterizado por uma busca constante por eficiência e produtividade, impõe desafios adicionais aos professores. Isso pode resultar em uma carga emocional significativa, que influencia diretamente a motivação e o engajamento desses profissionais. A pesquisa aponta para a importância de políticas públicas e iniciativas



institucionais que ofereçam suporte adequado, visando à melhoria das condições de trabalho dos professores e à valorização da profissão.

Diante disso, as implicações desta pesquisa para a formulação de políticas educacionais são evidentes. A valorização do professor deve ir além de ajustes salariais, abrangendo também melhorias nas condições de trabalho, suporte emocional e ações de enfrentamento às discriminações de gênero e raça no ambiente escolar. Tais medidas são fundamentais para garantir um ambiente de trabalho mais acolhedor, que reconheça as necessidades dos professores e valorize sua contribuição para o desenvolvimento da educação.

## REFERÊNCIAS

- Abreu, R. M. A., Cruz, L. B. S., & Soares, E. L. S. (2023). Políticas públicas em educação e o mal-estar docente. *Revista Brasileira de Educação*, 28, e280023. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782023280023>
- Alvarado-Prada, L. E., Freitas, T. C., & Freitas, C. A. (2010). Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. *Revista Diálogo Educacional*, 10(30), 367–387. <https://doi.org/10.7213/rde.v10i30.2464>
- André, M. (2010). Formação de Professores: a Constituição de um Campo de Estudos. *Educação*, 33(3), 174–181. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/8075>
- Araujo, M. M. P., & Junger, A. P. (2024). Dialogando a formação continuada de professores: uma revisão sistemática da literatura. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, 16(1), 1446–1463. <https://doi.org/10.55905/cuadv16n1-076>
- Barasuol, E. B. (2004). *Burnout docente no trabalho com a inclusão de alunos com necessidades especiais*. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Universidade Federal de Santa Maria.
- Bock, G. L. K. (2004). *A Síndrome de Burnout e o Trabalho na Educação Especial: um olhar sobre as percepções dos educadores*. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Bonfim, A. P. (2008). *A escuta na escola inclusiva: saberes e sabores do mal-estar docente*. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Universidade de Brasília.
- Brito, J., Bercot, R., Horellou-Lafarge, C., Neves, M. Y., Oliveira, S., & Rotenberg, L. (2014). Saúde, gênero e reconhecimento no trabalho das professoras: convergências e diferenças no Brasil e na França. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 24(2), 589–605. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000200014>
- Camargo, B. C., & Dworak, A. P. (2019). Mal-estar docente: um olhar das professoras e coordenadoras pedagógicas. *Olhar De Professor*, 20(1), 109–121. <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.20i1.0009>
- Castro Neta, A. A., Moura, J. S., Cardoso, B. L. C., & Nunes, C. P. (2020). Contextos da precarização docente na educação brasileira. *Revista Exitus*, 10(1), e020037. <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2020v10n0ID1261>
- Cavalcante, A. S. P., Ramos, N. M., Moura L. L. N., Sousa, R. V., Dantas, F. R. P., Cândido, C. C., & Tomaz, J. B. C. (2023). Competências e necessidades docentes de uma Escola de Saúde Pública. *Cadernos ESP*, 17(1), e1698. <https://doi.org/10.54620/cadensp.v17i1.1698>
- Cunha, M. I. (2013). O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. *Educação e Pesquisa*, 39(3), 609–625. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013005000014>
- Cunha, S. D. M., Matos Sobrinho, J. D. A., Silveira, A. R., & Sampaio, C. (2024). Vivências, condições de trabalho e processo saúde-doença: retratos da realidade docente. *Educação em Revista*, 40, e36820. <https://doi.org/10.1590/0102-469836820>
- Damascena, L. M., & Vale, A. F. (2020). Tipologias da precarização do trabalho na atenção básica: um estudo etnográfico. *Trabalho, Educação e Saúde*, 18(3), 345–362. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0001>

org/10.1590/1981-7746-sol00273

Derisso, J. L., & Duarte, R. C. (2017). Crítica ao ideário neoliberal na educação: precarização e descaracterização da escola pública paulista. *Revista HISTEDBR on-Line*, 17(4), 1169–1185. <https://doi.org/10.20396/rho.v17i4.8651218>

Diniz-Pereira, J. E. (2013). A construção do campo da pesquisa sobre formação de professores. *Revista da FAEBA*, 22(40), 145–154. <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2013.v22.n40.p145-154>

Ferreira, M. V., Tonin, S., Almeida, T. C., Costa, V., & Santos, L. M. A. (2014). Suporte no trabalho: a percepção de docentes do ensino técnico. *Revista De Gestão E Avaliação Educacional*, 3(5), 33–49. <https://doi.org/10.5902/2176217110879>

Garcia-Silva, S., & Lima Junior, P. (2020). A educação científica das periferias urbanas: uma revisão sobre o ensino de ciências em contextos de vulnerabilidade social (1985–2018). *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 20, 221–243. <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2020u221243>

Garcia-Silva, S., Lima Junior, P., & Caruso, H. (2022). A violência urbana e escolar nas periferias de Brasília. *Educação & Sociedade*, 43, e248105. <https://doi.org/10.1590/ES.248105>

Francklin, A. (2018). As implicações do Programa Choque de Gestão para o trabalho docente na Rede Estadual Mineira. *Debates Em Educação*, 10(21), 89–105. <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2018v10n21p89-105>

Kasper, S. A., & Rinaldi, R. P. (2017). *Revisão de literatura acerca do mal-estar docente*. II Seminário Formação Docente: Intersecção entre Universidade e Escola – Necessidades Formativas nas/das Licenciaturas. <https://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/article/view/4219>

Lázaro, C. M. C. (2013). *Trabalho docente/saúde autopercebida das professoras dos centros de ensino de Educação Especial do Maranhão*. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Universidade do Maranhão.

Levy, G. C. T. M. (2011). *Desenvolvimento de um programa de enfrentamento da Síndrome de Burnout e análise dos seus efeitos em professores que atuam no processo de inclusão na Rede Pública de Ensino*. (Tese de Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Mercado, E. L. O. (2016). *Identidades do Professor de Educação Especial no Contexto de Maceió-Alagoas*. [Tese de Doutorado em Educação]. Universidade Federal do Alagoas.

Miranda, L., Oliveira, P. S. N., Souza Filho, J. A., & Sousa, S. K. R. B. (2018). A relação universidade-escola na formação de professores: reflexões de uma pesquisa-intervenção. *Ciência e Profissão*, 38(2), 301–315. <https://doi.org/10.1590/1982-3703005172017>

Moraes, R., & Galiuzzi, M. C. (2006). Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência & Educação*, 12(1), 117–128. <https://doi.org/10.1590/S1516-73132006000100009>

Morandini, A. A., & Gomide Junior, S. (2022). Uma Revisão sobre Qualidade de vida e Bem-estar de docentes. *Revista Laborativa*, 11, 39–64.

- Pereira, F. F. S. (2011). *Indicadores de mal-estar docente em escolas públicas municipais de Salvador*. [Dissertação Mestrado em Educação]. Universidade Federal da Bahia.
- Pereira, M. R. (2016). *O nome atual do mal-estar docente*. Fino Traço.
- Prioste, C. D. (2006). *Diversidades e Adversidades na Escola: queixas e conflitos de professores frente à Educação Inclusiva*. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Universidade de São Paulo.
- Rezende, I. B., Oliveira, J. F., & Ferraz, D. P. A. (2021). Teacher malaise and inclusion: a bibliographic review based on CAPES theses and dissertations. *Research, Society and Development*, 10(17), e159101724399. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i17.24399>
- Rinaldi, R. P. (2016). Formação de professores: algumas considerações sobre o campo de pesquisa. In A. N. Militão, & M. S. R. Santana (Orgs.). *Intersecções entre pesquisas/pesquisadores experientes e pesquisas/pesquisadores iniciantes no campo educacional* (pp. 79–98). Pedro & João Editores.
- Santos, Y. (2020). Do mal-estar social ao malestar docente: contribuições da psicanálise. *Revista da FAEBA*, 29(60), 127–146. <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2020.v29.n60.p127-146>
- Sguissardi, V. (2015). Educação Superior no Brasil. Democratização ou massificação mercantil? *Educação & Sociedade*, 36(133), 867–889. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302015155688>
- Silva, A. M. (2019). A precarização do trabalho docente no século XXI: o precariado professoral e o professorado estável-formal sob a lógica privatista empresarial nas redes públicas brasileiras. *Revista Trabalho Necessário*, 17(33), 321-325. <https://doi.org/10.22409/tn.17i33.p29380>
- Silva, T. T. (1999). *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo*. Autêntica.
- Silva, T. D. B. (2024). *Preconceito e educação inclusiva no ensino superior*. [Tese de Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Traldi, B. A. G., Sapatini, C. H., Lima, S. G., & Silva, K. C. B. (2024). Mal-estar docente na universidade em tempos neoliberais: uma discussão psicanalítica e interseccional. *APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, 28(31), 233–249. <https://doi.org/10.22481/aprender.i31.14577>

### CRediT Author Statement

---

**Reconhecimentos:** Não aplicável.

**Financiamento:** Não aplicável.

**Conflitos de interesse:** Os autores declaram não possuir nenhum conflito de interesses.

**Aprovação ética:** O protocolo de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Para, e autorizado sob o CAAE 52187321.5.0000.0018.

**Disponibilidade de dados e material:** Os dados utilizados no trabalho podem ser encontrados no repositório <https://github.com/lanec-unifesspa/anxiety-unifesspa/tree/main>.

**Contribuições dos autores:** Fernanda Alves Martins: Conceitualização, Análise de dados, Pesquisa, Metodologia, Design da apresentação de dados, Redação do manuscrito original; Caio Maximino: Conceitualização, Curadoria de dados, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Redação do manuscrito original.

---

**Processamento e edição: Editora Ibero-Americana de Educação**

Revisão, formatação, normalização e tradução

